

OSSELÔA

Personagens

DR. ERIZ
ALBERGUEIRO
VELHO
HOMEM
MULHER
PEREGRINA
PEREGRINO

Cenário

Uma albergaria

Tempo

1917

Sinopse

A peça começa com a simulação da apresentação de uma Carta de Osselôa contemporânea, que assume a forma de um desses programas europeus que prometem salvar as regiões. Logo, porém, essa simulação dá lugar a uma situação ficcional: numa noite qualquer do século XX, chega a uma velha albergaria um jovem casal que se prepara para deixar o país. Estranhamente, os viajantes alojados na albergaria parecem pertencer cada um a sua época. Um deles, cuja idade é difícil adivinhar, recebe efusivamente os recém-chegados, e vaticina-lhes um futuro brilhante se ficarem na terra, e desgostos e dificuldades se emigrarem. O peregrino sem idade desfia perante os olhos dos presentes as memórias do passado da terra e as promessas do futuro que os espera. Ficarão os viajantes naquele lugar ou seguirão viagem? Quando pouco depois voltamos ao presente e se retoma a simulação da Carta de Osselôa contemporânea, ficamos a saber o que aconteceu.

ATO ÚNICO

[Um homem, orgulhoso filho da terra, apresenta o powerpoint do Programa de Integração Regional Osseloia 2020:]

DR. ERIZ

Quando nasceu a nossa terra?

[Mostra fotos das mamoas.]

Na pré-história?

[Mostra foto da carta do couto.]

Esta é uma cópia da carta original, e foi-me cedida por um estudioso das coisas da nossa terra, há muitos anos. Tudo leva a crer que Albergaria, tal como a conhecemos hoje, teve a sua data de nascimento há exatamente 900 anos, quando Albergaria recebeu este nome depois de aqui ter sido fundada uma albergaria pela mãe de D. Afonso Henriques. E uns quinhentos anos depois, em 1629, o rei mandou pôr uma placa de sinalização na albergaria. Ficou escrito na pedra!

A placa diz:

[Mostra foto da pedra.]

ALBERGARIA DE POBRES E PASSAGEIROS DA RAINHA D. TERESA COM 4 CAMAS E 2 ENXERGÕES E ESTEIRAS, LUME, ÁGUA, SAL, FOGO E CAVALGADURAS E ESMOLA E OVOS OU FRANGOS AOS DOENTES

D. Teresa foi aqui recebida pelo fidalgo Gonçalo Eriz, quando vinha fugida de Coimbra, cercada pelos marroquinos, gravidíssima, deu aqui à luz, deu à luz o primeiro albergariense, e foi tão bem tratada, tão bem tratada, que decidiu compensar o fidalgo dando-lhe um monte de terras para ele fazer o que quisesse, com a única condição de aqui ter um lugar para os peregrinos poderem descansar. Bom, talvez não tenha sido ela a dar à luz, mas foi com certeza alguma das aias. O que importa é que Albergaria sim, foi dada à luz e batizada nesse dia. E hoje em dia, qual é a marca do nosso concelho? O pão? O eucalipto? O mirtilo?... Não. A nossa marca é a hospitalidade. O albergue para todos, e em especial, hoje em dia, para a indústria.

[Mostra foto da zona industrial.]

Há mais de novecentos anos que Albergaria-a-Velha está na encruzilhada entre o Porto e Lisboa, a costa e o interior de Portugal. Este município, nascido de um ato de generosidade de uma velha rainha, não só é crucial para as relações entre norte e sul, leste e oeste, como também faz a ponte entre o passado e o futuro, conciliando o património histórico e arqueológico com a inovação industrial e tecnológica. E é para pensar o futuro que hoje, aqui, estamos juntos.

E foi esta mesma albergaria — apesar de haver opiniões em contrário — que veio a ser um hospital e depois uma cadeia e depois o palacete da Boavista, onde hoje, mais uns quatrocentos anos em cima, faz ao todo novecentos, é a biblioteca. Onde se hospeda o conhecimento. Portanto, estamos de parabéns, fazemos 900 anos, não é para quem quer. Graças ao esforço dos albergarienses, Albergaria hoje não é só albergaria, é indústria, é agricultura, é cultura, é... O cine-teatro Alba, por exemplo, não existiria sem a iniciativa de uma pessoa, que vendeu a alma ao trabalho. Em 1917, quando o país estava mergulhado —

[Fumo, silvos de bombas, explosões, gritos e, em crescendo, tambores, clarins e depois um fado, vindo de uma grafonola, por cima do qual o ALBERGUEIRO vai cantarolando.]

*Minha mãe jurei bandeiras
Agora serei soldado
Vou mostrar que Portugal
É pequeno, mas honrado*

*Adeus terra, adeus maria,
A pátria vou defender,
Adeusinho até mais ver
Se calhar até um dia,
Adeus fonte de alegria
Adeus ò moças trigueiras,
Tocou a unir fileiras,
Já oiço longe o clarim
A pátria chama por mim,
Minha mãe jurei bandeiras.*

[Mais fumo, apito do comboio, freio e libertação de vapor. Estamos agora num albergue, onde o ALBERGUEIRO canta o fado, enquanto limpa a mesa ou serve os clientes. A um canto, o VELHO fuma um cigarro.]

VELHO
Olha lá...

ALBERGUEIRO

Diga, mestre.

VELHO

Porque é que cantas esta canção?

ALBERGUEIRO

Não gosta da história?... O rapaz deixa os campos para ir à aventura! Tenho aqui outro, vamos ouvir?

VELHO

Sim, não... mas... olha lá...

ALBERGUEIRO

Diga, mestre.

VELHO

Tu és galego.

ALBERGUEIRO

Galego sou.

VELHO

E contra a guerra, não és?

ALBERGUEIRO

Sou pela paz.

VELHO

Então porque é que cantas um fado sobre um português que vai para a Guerra, matar ou ser morto?

ALBERGUEIRO

Ah, o mestre não percebe... Ele fala da guerra mas isso é para enganar a tropa. Ele quer é sair daqui, correr mundo, ver outros países... Essa história de combater... Quando ele chegar lá, de certeza que vai desertar. E depois, os versos estão bem esgalhados. Um dia vou fazer como ele...

VELHO

Vais fazer como ele? Já vieste da Galiza para cá.

ALBERGUEIRO

Não, isso não conta, é tudo a mesma coisa. Um dia vou para a Europa, ou para a América, ou para — note bem — Oriente...

VELHO

Oriente...

ALBERGUEIRO

Para o Extremo Oriente...

VELHO

Tu sabes que aqui na vila, estamos cansados de guerras, mas não temos medo delas... Quando foi das invasões francesas, demos aqui uma coça aos soldados do general Sault. Foi em 1809, lembro-me como se fosse hoje —

ALBERGUEIRO

Ah, mas isso foi com a ajuda dos militares ingleses.

VELHO

Nós é que ajudámos os ingleses a manter o império, isso sim. A minha mãe / matou sete com uma pá!

ALBERGUEIRO [Baixinho, sobrepondo-se:]

Matou sete com uma pá...

VELHO

Nas guerras liberais também houve aqui muito caldo entornado. E na Monarquia do Norte, sabes como é que nós, os republicanos, fizemos? Fizemos / como no tempo da minha tia Maria da Fonte!

ALBERGUEIRO [Baixinho, sobrepondo-se:]

Como no tempo da minha tia Maria da Fonte... —

VELHO

Isso mesmo! Já te contei? Foi quando restaurámos o concelho. Lembro-me / como se fosse hoje!...

ALBERGUEIRO [Mais alto, sobrepondo-se:]

Como se fosse hoje!...

VELHO

Vou-te ensinar o hino da minha tia Maria da Fonte!

[Alguém bate à porta, antes que o VELHO comece a cantoria.]

O ALBERGUEIRO, para o VELHO:
Está à espera de alguém?

[O ALBERGUEIRO continua o fado, enquanto se dirige à porta, sem pressa.]

Esta terra bem fadada
Com os meus braços amanhei,
Muita enxadada dei,
Nesta terra minha amada,
Aí a deixo amparada,
Peguem outros no arado,
Porque eu fui alistado;
Da pátria sou servidor,
Fui cabreiro, fui pastor,
Agora serei soldado.

[Batem de novo. O ALBERGUEIRO, bem alto:]

Já-vaaai!

[Continuando:]

Vou envergar a fardeta
Do 11 de Infantaria.
Chegou também o meu dia
Vibra ao longe a corneta,
Em sentinela, ou vedeta,
O meu brio será igual,
Vou combater afinal;
Vou alcançar a glória,
Vou mostrar que Portugal...

[Insistem. O ALBERGUEIRO, para o VELHO:]

Este pensa que vai apanhar o comboio.

[Continuando:]

Está costumado a cumprir

Os seus antigos tratados,
Não se iguala aos capados
Que falam na honra a rir.
Enquanto um só existir
Português: será meu brado,
Embora sacrificado,
Portugal há-de vencer,
E sempre se há-de dizer:
É pequeno mas honrado.

[Começa a desferrolhoar a porta, que está tão bem fechada e com tantas trancas que, do lado de lá, voltam a bater. Impávido, o ALBERGUEIRO conclui:]

[A porta abre-se e na albergaria entra um casal, com malas de viagem.]

HOMEM
Isto parece uma fortaleza!

MULHER
Muito boa noite.

VELHO
Boas noites.

ALBERGUEIRO
Sejam bem-vindos. Vós pareceis que vindes a fugir de alguém...

HOMEM
Não, desculpe... mas a minha mulher quer descansar. E eu também.

ALBERGUEIRO
Venham por aqui... tenho um quarto limpinho. Querem comer ou beber alguma coisa?

[O HOMEM prepara-se para pagar.]

HOMEM
E quanto...?

ALBERGUEIRO
Guarde a carteira, homem. Acertamos na saída. Vai apanhar o das seis, não é assim? Se houver carvão. Com a guerra, o carvão vai todo para manobrar canhões

em França. No inverno chegam a usar as tábuas dos bancos para alimentar a fomalha. Está ali o mestre Velho que não me deixa mentir. [Pausa.] Foi alistado?

VELHO

Estás a incomodar o casal, não vês? Os senhores têm uma longa viagem pela frente.

MULHER

Subimos?

ALBERGUEIRO

Por aqui, minha senhora... meu senhor.

MULHER

Traga-nos água quente, por favor.

[Sobem os três, o VELHO trauteia o fado. Regressa o ALBERGUEIRO]

ALBERGUEIRO

Estes dois são daqui, mestre?

VELHO

Ela sim, ele não.

ALBERGUEIRO

Tem pinta de estrangeiro.

VELHO

Reparaste nas malas e nos sapatos?

ALBERGUEIRO

Eram de couro.

VELHO

Não te pediram ovos com toucinho logo pela manhã?

ALBERGUEIRO

Como é que sabe, mestre?

VELHO

Americano.

ALBERGUEIRO

Americano... da América?

VELHO

Emigrante.

ALBERGUEIRO

Eu bem sabia! E tem dinheiro, isso vê-se pelo couro das malas e dos sapatos. Reparou? Logo de manhãzinha... com os ovos e o toucinho... Vou lhes oferecer um whiskey! Pode ser que se tornem clientes... Ou que me levem para ser mordomo na América.

VELHO

Oferece, oferece. Oferece whiskey e soda. E serve mais um a este que te fala.

ALBERGUEIRO

E ela? Quem é?

VELHO

Não reconheces? É a Marianinha, filha mais nova do Barão.

ALBERGUEIRO

A Marianinha? Mas ainda há uns anos era uma criança... Está uma mulher feita. Mas achei-a muito calada... Não deve ser feliz no casamento. Vê-se pela pressa com que subiu para o quarto!

VELHO

Não te parece que a pressa de subir para o quarto pode indicar o contrário...?

[O galo canta.]

ALBERGUEIRO

Não se vai deitar, mestre?

VELHO

Deitar para quê? Sou velho, há anos que não prego olho. Só vou quando o galo cantar três vezes. Até lá, aproveitar.

ALBERGUEIRO

Eu vou-me encostar enquanto não chegam os peregrinos. E quero estar fresco para quando estes acordarem.

[O HOMEM desce.]

HOMEM

Desculpem, têm fogo?

ALBERGUEIRO

Sim, senhor!

HOMEM [Oferecendo:]

Fumam?

ALBERGUEIRO [Acendendo um cigarro ao HOMEM.]

O senhor... deixe-me adivinhar... Chegou hoje da América depois de muitos anos para se estabelecer aqui na vila!

HOMEM

Ceguei da América há umas semanas... mas volto para lá. Saí há muito de Portugal, voltei só para casar e... partimos amanhã cedo para apanhar o navio em Aveiro.

ALBERGUEIRO

E lá na América não precisam de um mordomo?

HOMEM [Rindo].

Talvez.

VELHO

O senhor talvez volte para cá de vez, e mais cedo do que pensa. Esta terra é má mãe, mas boa madrasta...

HOMEM [Para o VELHO:]

Pois para mim nem uma coisa nem outra. Vim para me estabelecer. Mas todas as portas se fecharam... Têm medo do futuro.

VELHO

E o Barão?

HOMEM [Como se falasse com os seus botões.]

Só ele é que tem a quantia que é preciso. Mas está velho. Não quer um genro, quer um herdeiro que faça o que ele manda. Eu não tenho interesse em servi-lo. Não posso aceitar nem um tostão dele... O meu sogro é um grande homem, mas tem uma visão antiquada das coisas. Eu olho sempre para a frente. Ele ainda vive

noutro tempo.... Na América, na fábrica onde eu estava, trabalha-se dia e noite sem parar, quantos turnos forem precisos, para o aço e o ferro não pararem de sair. A fábrica é maior que esta vila inteira. Os fornos são do tamanho desta albergaria. E são 24 fornos em laboração diária. Não há carvão que chegue para aquelas bocas de fogo.

VELHO

Já desistiu de voltar para cá?

HOMEM

Desistir não, mas... Primeiro tenho de juntar capital. A América é um país gigante, onde não faltam estradas, caminhos de ferro, automóveis... Oportunidades.

VELHO

Esta terra é uma encruzilhada onde se cruzam as estradas do norte, do sul, de nascente e de poente... mas também os caminhos que vão dar ao passado e ao futuro, ao além e ao aquém. O senhor trabalha com ferro, não é? Quando a guerra acabar, vai ser preciso reconstruir. E este país precisa de tudo. Aqui tem caminhos bons, está perto de tudo. Tem as minas, os portos, os rios. Estamos em 1917, a guerra está prestes a acabar... Daqui a cem ou duzentos anos, como será? Vejo no seu rosto a coragem para sonhar. Porque é que vai sonhar para a América? Deixe-se ficar e sonhar aqui. A terra das oportunidades é aqui.

ALBERGUEIRO [Para o HOMEM:]

Desculpe-me, o mestre conta esta história a todos os estrangeiros e desconhecidos que entram por aquela porta. Julga que vai encontrar o messias. Foi assim que me enganou, quando eu aqui cheguei, vindo da Galiza.

VELHO

E não estás melhor aqui?

HOMEM

Temos de ouvir os mais velhos, eles sabem do que falam.

[O galo canta pela segunda vez.]

ALBERGUEIRO [Para o VELHO:]

O galo já canta, mestre. A hora aproxima-se.

VELHO [Para o HOMEM:]

O senhor pode montar uma fábrica, mas uma fábrica-modelo, com casas para os operários, creche, escola, cantina, espaço para desporto, cultura e recreio. Fazer o

que o Barão não fez. Este ano, 1917, é mais um centenário da fundação desta terra. Se fizer como eu digo, daqui a muitos anos contarão a história de como se fez deste lugar uma cidade, graças ao papel de um jovem que se revelou empreendedor...

ALBERGUEIRO

Seja lá o que isso for...

VELHO

Quanto precisa?

HOMEM

Muito.

VELHO

Tenho umas quantias paradas, vindas de heranças. Se o muito render bem ao ano, posso assinar um contrato e financiá-lo ainda antes de ouvirmos cantar o galo.

HOMEM

Quanto?

VELHO

O justo, pouco, por agora. Só ponho uma condição que é, digamos assim, pouco habitual. Na sua morte, fico com tudo.

[A MULHER desce até meio das escadas.]

MULHER

Não era só um cigarro?

HOMEM

Era. Já passou muito tempo? Desculpa, pensei que dormias. Subo.

VELHO

A culpa é minha, fui eu quem reteve o seu marido, peço desculpa, minha senhora. Eu não passo de um velho médico tagarela que faz tudo pelo corpo dos seus doentes... tal como um pároco faz tudo pela alma dos fiéis. Mas nem uma coisa nem outra matam a fome. É preciso outra coisa. As minhas desculpas por ter perdido a noção do tempo. E os meus parabéns. Vejo no seu esposo um homem de ação, alguém que podia trazer saúde a esta terra, e ânimo, se as gentes daqui tivessem trabalho e prosperidade. E em si, a mulher que pode inspirar este homem. O senhor... vejo nos seus olhos a grandeza.

ALBERGUEIRO

Isso a mim nunca me disse!

VELHO

Estou disposto a investir no seu futuro.

HOMEM

Obrigado, mas não. A muralha dos juros é muito alta.

MULHER

Sobes?

HOMEM

Subo.

[O HOMEM sobe.]

ALBERGUEIRO

Mais um whiskey?

VELHO

Enquanto o galo não canta.

ALBERGUEIRO

Mestre, se eu for para a América, podemos acertar as nossas contas mais tarde?

VELHO

Tens papel e caneta?

ALBERGUEIRO

Agora também não confia em mim, mestre?

VELHO

Está calado.

ALBERGUEIRO

Já sei! É para o contrato com o americano! Como é que sabe que ele aceita? Por causa da mulher, não é?

VELHO

Papel e caneta, vá. Vou te ensinar o hino da Maria da Fonte.

ALBERGUEIRO

Já estive a pensar e se este plano da América não resultar, vou para África. O romeiro que aqui estive há uns anos disse-me que lá é que se faz dinheiro sem trabalhar.

VELHO

Extremo Oriente, América, África... Mais algum lugar?

ALBERGUEIRO

Tenho de pagar as minhas dívidas, não é?

[Entrega o papel.]

ALBERGUEIRO

Caneta, não tenho, só lápis.

VELHO

Toma nota:

*Viva a Maria da Fonte
A cavalo e sem cair
Com a corneta na boca
A tocar a reunir*

Atenção ao refrão:

*É avante Portugueses
É avante não temer
Pela santa Liberdade
Triunfar ou perecer*

A primeira coisa que tens de saber sobre a Maria da Fonte é que foi uma revolução. A revolução do Minho. Mas chegou aqui.

*Essa mulher lá do Minho
Que da foice fez espada
Há-de ter na lusa história
Uma página dourada!*

*Viva a Maria da Fonte
A cavalo e sem cair
Com as pistolas à cinta*

A tocar a reunir

Tu ainda não eras nascido, mas eu já tinha corrido mundo.

*Viva a Maria da Fonte
Com as pistolas na mão
Para matar os cabrais
Que são falsos à nação*

Isto foi nos anos 40 do século passado, mas já vinha de trás, da guerra entre liberais e absolutistas, e continuou depois, até à implantação da República.

*Lá raiou a Liberdade
Que a Nação há-de aditar!
Glória ao Minho que primeiro
O seu grito fez soar!*

E foi graças à Revolução que foi restaurado o concelho de Albergaria!

*É avante Portugueses
É avante não temer
Pela santa Liberdade
Triunfar ou perecer*

[O ALBERGUEIRO está a cair de sono.]

VELHO

Mas tu queres saber uma coisa? Esta terra faz centenas de anos, mas quando ela verdadeiramente se tornou no que é hoje foi — e eu estava lá! — foi quando se deu a a grande epidemia de cólera... Acorda!

ALBERGUEIRO [Sobressaltado.]

Mas o mestre não dorme nunca...

VELHO

Como é que eu hei-de dormir, com tanta coisa para fazer nesta terra? Um médico nunca dorme!

ALBERGUEIRO

Mas nem uma horita ou duas? O galo está quase a cantar, eu preciso descansar...

VELHO

Sabes desde quando é que eu não durmo? Desde a grande epidemia... Desde que o nosso concelho se tornou o que é hoje!... Não adormeço para não ter pesadelos. Durante aqueles dois anos morreram vitimadas pela bactéria da cólera perto de nove mil pessoas em todo o país. Os primeiros casos de contágio foram detectados no começo de Outubro de 1855 e multiplicaram-se até ao fim desse mês. Eu era um jovem médico, acabado de chegar de Coimbra. Os horrores que eu vi. Morreram mais de cem pessoas no concelho, quarenta aqui na vila. Eu vi passar um cortejo de morte, com os cadáveres empilhados nas carroças. Improvisámos consultórios abertos dia e noite para distribuir os medicamentos que mandávamos vir de Aveiro e do Porto. Parece que estou a ouvir os uivos das carpideiras e os choros das crianças, os homens desesperados a bater à porta. Todas as noites ardiam nas ruas de Albergaria fogueiras feitas de ramos de pinheiro verde, alecrim, rosmaninho, com cujo fumo os moradores queriam desempear os ares. Os padres mandaram fazer uma procissão penitencial, saiu com diversos andores, muitas pessoas seguiam descalças. Quando a procissão chegou à igreja matriz celebrou-se uma missa. Na homilia, o pároco aterrorizou a assistência interpretando a doença como fruto da ira de Deus e denunciando os pecados da população como causa do castigo divino. [Pausa.] Um dia, um grupo de homens, entre os quais dois padres, reuniu-se na Casa do Agro e fez voto coletivo à Virgem de mandar edificar uma ermida se nem eles nem as respectivas famílias fossem afectados. E alguns dias depois deixaram de surgir novos casos de contágio, e as pessoas que não morreram recuperaram a saúde. O grupo de devotos decidiu então cumprir a sua parte do contrato que estabelecera com Maria. Mas fomos nós que estancámos a epidemia. Algumas noites antes, na encruzilhada, tinha-me aparecido uma figura escura, um vulto que a princípio não reconheci, mas que me conhecia bem, sabia o meu nome. Era o doutor Fausto. Tinha ouvido falar dos nossos esforços e veio ver com os próprios olhos a nossa medicina. Isso foi o que ele disse ao princípio, mas o que ele trazia era uma droga experimental, um veneno novo para testar. Daquelas cem mortes no concelho, algumas foram obra das minhas próprias mãos, até acertar na dose e nos ingredientes... Quais ervas, quais andores, qual contrato com a Virgem. Foi a medicina que nos salvou, a ciência, ouve bem, e há-de ser a ciência e a indústria que hão-de salvar esta terra.

[Ouve-se um estrondo, vindo do quarto, e depois uma porta a bater. A MULHER desce.]

MULHER

Quero um copo de aguardente.

ALBERGUEIRO

Sim, minha senhora, às suas ordens.

MULHER [Para o VELHO:]
O senhor... Pode ajudar-me?

VELHO [Para o ALBERGUEIRO:]
Serve o whiskey.

ALBERGUEIRO [Afastando-se.]
Deve ser grave.

MULHER [Para o VELHO.]
O senhor lembra-se de mim?

[Pausa.]

ALBERGUEIRO
Eu lembro-me! É a menina Marianinha, filha do Barão. Nesta profissão temos de saber tudo. Um mordomo experimentado como eu reconhece a nobreza automaticamente.

MULHER
Já sou casada, como viu.

ALBERGUEIRO
Ah, claro, desculpe, minha senhora... dona... dona... América?

MULHER [Para o VELHO.]
Eu não sei o que tenho. Ninguém sabe.

[O VELHO faz sinal para que o ALBERGUEIRO se afaste.]

MULHER
Estou doente. Ele quer que eu me cure na América. Mas quem garante se chego viva? A viagem dura quase um mês. E o mundo está em guerra. O meu pai queria que eu ficasse, e que ele tomasse conta das terras. Mas ele não quer servir ninguém, muito menos o sogro. Nem eu quero servir um servidor. Casámos em segredo. Mas estou doente, e ninguém sabe o que tenho. O senhor pode ajudar-me?

VELHO
Sou um médico como os outros, não faço milagres.

MULHER

Não?

VELHO

Isso só a Senhora do Socorro.

MULHER

Sim... Mal não faz. Mas quem ajuda é senhor doutor, foi o que me disseram. Que tem curas que ainda ninguém conhece.

VELHO

Posso cuidar da senhora, sim. Mas precisa de repouso absoluto e de acompanhamento permanente para eu observar a evolução da doença e do tratamento... Tenho de ver o que fazem os medicamentos. A viagem está fora de causa.

ALBERGUEIRO

O que é que ela tem? Cólera?

VELHO

A cólera foi erradicada, não ouviste o que te contei? [Para a MULHER:] Aconselho-vos a ficar na albergaria, por enquanto. Precisa de ficar de quarentena. Vamos ter de a isolar do seu marido, infelizmente. Isto partindo do princípio que ele ainda não está infectado.

ALBERGUEIRO [Afastado.]

Se ainda não consumaram o casamento e se ele está bem...

MULHER

O senhor sabe que ele não vai aceitar que fiquemos. Não acredita na ciência portuguesa. Muito menos num médico que passa as noites no albergue. Foi muito difícil trazê-lo aqui. Mas ele ficou impressionado com a sua visão. Preciso que o senhor fale com ele. E ele precisa de um sócio. Se o senhor se oferecesse... Com o dinheiro que eu e o meu pai lhe pagarmos pelos tratamentos... Uma parte pode ir para o negócio. E assim o senhor não precisava de exigir tanto.

VELHO

Está disposta a arriscar a sua vida nas minhas mãos? E a carreira do seu marido?

[O HOMEM desce até ao cima das escadas.]

HOMEM

Eu fico. O que é preciso fazer?

[O galo canta pela terceira vez.]

VELHO

Por agora, muito pouco, mas muito importante: descansar. Não tenho as drogas nem os instrumentos, vim sem a maleta, e tenho de estar o dia inteiro fora. Descansem agora, volto ao anoitecer. Agradeçam à rainha D. Teresa e ao Gonçalo Eriz a existência desta albergaria.

[O casal retira-se. O VELHO, Para o ALBERGUEIRO:]

E tu... não aceites mais ninguém se não queres ser responsável por outra epidemia.

ALBERGUEIRO

Ela tem tuberculose!

VELHO

Andas a ouvir muitos fados!

ALBERGUEIRO

Então... Só pode ser... A gripe espanhola!

VELHO

Não querias ser mordomo? Pois podes ser pelo menos enfermeiro.

ALBERGUEIRO

Mas... não é contagioso?

VELHO

O que ela tem não se pega.

ALBERGUEIRO

Já sei! Tem... melancolia... Como eu!

VELHO

Tu não tens melancolia. Até amanhã.

[Está quase a sair quando o ALBERGUEIRO o interrompe.]

ALBERGUEIRO

Só uma coisa, espere! D. Teresa e Gonçalo Eriz são do tempo das invasões francesas ou da Maria da Fonte?

VELHO

Também não ouviste essa parte? Faz este ano, 1917, exactamente oito séculos que a rainha D. Teresa passou a carta de couto cedendo estes terrenos, tendo como única contrapartida o proprietário de fazer uma albergaria pública.

ALBERGUEIRO

Oito séculos... são oitocentos anos?

VELHO

Oitocentos em 1917, novecentos em 2017, mil anos em 2117. Mas tu não estarás cá para ver.

ALBERGUEIRO

Quer dizer que se eu der um palmo de terra a alguém, esse palmo de terra, daqui a mil anos, pode ser uma cidade?

VELHO

Pode. Se o mundo não acabar antes.

ALBERGUEIRO

É que eu tenho terras na Galiza. Eu gostava de ver essa carta.

VELHO [Após uma pausa.]

Vou te deixar ler a minha cópia. O galo já cantou três vezes, tenho de ir. Trata-a como se fosse a tua vida. Até amanhã.

[O VELHO sai. O ALBERGUEIRO volta para a grafonola e põe a tocar um ragtime. Batem à porta. Entram dois peregrinos.]

PEREGRINA

Bom dia, irmão!

ALBERGUEIRO

Bom dia. Estamos cheios.

PEREGRINO

Mas nós avisamos, fizemos reserva. Gonçalo e Teresa.

PEREGRINA

Estamos de rastos, viemos a pé desde Santiago de Compostela e ainda vamos para Santa Iria, desde Maio que há por lá aparições da Virgem.

ALBERGUEIRO

Não posso fazer milagres.

PEREGRINO

Mas... esta é a única albergaria!

ALBERGUEIRO

Não, não, agora há outra. Perguntem pela outra albergaria, a nova. Estamos de quarentena. Saiu daqui um médico, não viram? Com licença.

[O ALBERGUEIRO fecha a porta. Dirige-se ao livro de reservas e risca os nomes.]

Teresa e Gonçalo, as únicas reservas desde... Bom... Espero que os americanos tenham dinheiro.

[O ALBERGUEIRO pega na Carta e lê:]

Carta do Couto de Osselôa. O que raio será um couto?

[senta-se a ler mas logo adormece. Os PEREGRINOS voltam e entram sorrateiramente. Pegam na carta e é ela quem lê, e ele quem comenta, ao mesmo tempo que desenham num quadro as áreas, como quem descodifica um mapa do tesouro. No final, aparecerão como a Rainha D. Teresa e Gonçalo Eriz.]

PEREGRINO

Em nome da Santa e Indivisa Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, Amen.

PEREGRINA

Esta é a Carta de Benefício e firmeza de Couto, que eu, Infanta Dona Teresa, Rainha de Portugal, mandei fazer para ti, Gonçalo Eriz com destino à tua Quinta de Osselo

PEREGRINO

(Assilhó).

PEREGRINA

Em primeiro lugar divido, por um lado, essa tua Quinta com a Terra de Santa Maria, a saber: – da estrada que desce de Portugal

PEREGRINO

(Porto de Gaia)

PEREGRINA
em direcção à Pedra da Águia

PEREGRINO
(Bico do Monte ou Monte da Senhora do Socorro)

PEREGRINA
e daqui pelo meio da Mata Talhada

PEREGRINO
(ficava entre a Pedra de Águia e a Cruz de Canelas, e se chamam hoje Vale da Salgueira e Vale da Lage)

PEREGRINA
em direcção à Mata da Ussa, que antigamente se chamava Mata da Brava, e daqui à Mamoá Negra que se chamava da areia

PEREGRINO
(A Mamoá Negra é na Afeiteira, também conhecida por Cabana, no limite de Angeja.)

PEREGRINA
e daqui vai ao Romariz

PEREGRINO
(O monte de Romariz acompanha a margem esquerda do regato de Assilho — Osseloá — desde a sua curva ao fundo do Vale do Ribeiro, a leste do pontão do Porto das Éguas, até à Várzea de Angeja)

PEREGRINA
e daqui, por outros terrenos, até ao termo do Vouga; na direcção de Romariz transpõe o regato de Osseloá junto à Charneca,

PEREGRINO
(É o lugar do Fontão. Em Frossos, e próximo do Fontão, existe ainda um sítio com a denominação de Charneca)

PEREGRINA
seguindo em linha recta até ao ponto em que o terreno deixa de ter o mesmo plano, e daqui voltando para os vales de Osseloá

PEREGRINO

(Os Vales d'Assilhó são, além do Vale do Ribeiro, o Vale de Grama e o Vale da Vermelha. O Vale do Ribeiro toma a direcção norte-sul até ao fim do Campo do Ribeiro, próximo do Porto de Éguas, e ali inclina a poente sobre o lugar das Frias de Cima, seguindo para os das Frias de Baixo, Regada, Biscaia, Fontão e Angeja, e tem a sua foz no Pupinho. O Vale do Ribeiro é a continuação do Vale do Couto, que tem a sua origem na falda poente da colina do Bico do Monte, antiga Pedra da Água)

PEREGRINA

e depois directamente à Fonte Fria, que outrora se chamava Fontinha de Meigonfrio, e daqui a par da estrada em direcção à Pedra de Água supramencionada.

[Pausa.]

Aprove-me, a mim, Infanta Dona Tereza, Rainha de Portugal, em boa paz, dar-te Carta de Couto a ti, Gonçalo Eriz, na Quinta de Osselo

PEREGRINO

(Assilhó)

PEREGRINA

pelos limites referidos, a saber: – da própria Quinta até ao Padrão do Couto, que eu mandei colocar na parte norte à beira da estrada,

PEREGRINO

(é conhecido ainda hoje pelo nome de Marco da Meia Légua)

PEREGRINA

e assim outro tanto para o poente da Quinta, e para o sul na direcção dos vales de Osselo, do outro lado do regato, e volta para a Fonte Fria junto ao Sobreiro assinalado, e dali atravessa o caminho para o Oriente, indo em direcção ao limite de Valmaior até ao Vale Pequeno

PEREGRINO

(O Vale Pequeno começava ao fundo do terreno de cultivo da actual Quinta da Boa Vista, e ia até ao lugar do Reguengo de Valemaior. Era por aí que seguia, quase, o trajecto da antiga estrada vinda de Viseu e Vale de Lafões, e que desembocava onde é hoje a Praça D. Teresa, ali se vendo a viela, restos da antiga estrada. Isto até se abrir a nova estrada para Viseu, iniciada em 1870, e que, em 1872, ia além de Pessegueiro da Vouga.)

PEREGRINA

onde roubam e matam os viandantes, e dali, da primeira fonte situada abaixo da estrada, seguindo em direcção ao norte até ao padrão do Couto.

PEREGRINO

Desta forma, de hoje em diante, possuas — eu... — este Couto, bem como aquele que da tua descendência for teu herdeiro da dita Quinta, e de pai e mãe de ti provenha, tanto por teres dado um açor a D. Mendo Bofino e um cavalo ao meu escudeiro Artaldo e um gavião a Godinho Viegas, como para uma Albergaria que vamos instituir neste lugar, ao cimo da estrada, para bem de nossas almas e das dos nossos pais, e nela metamos como Albergueiro a Gonçalo de Cristo, e, quando um tiver falecido, tu nomearás outros, e da tua herdade lhes darás onde trabalhem, a saber: — desde a primeira lagoa dos Sobreiros, no caminho que vai para Osseloá até à primeira margem do regato que decorre da estrada, estendendo-se pela mesma margem até à estrada; e dessa lagoa indo para a primeira Mamoá que está junto à estrada; tendendo para a Fonte Fria, e depois, do outro lado, no termo de Valmaior — cedamos, eu, tu e os nossos sucessores, acima do Padrão do Couto para o Oriente, até à primeira Fonte, abaixo da estrada, e daqui à primeira Fonte Fria.

PEREGRINA

Além disso, determinamos que paguem ao Albergueiro do Couto, aqueles que o ferirem, quinhentos soldos, e ele não pague calúnia em todo o meu reino, nem passagem

PEREGRINO

(direito de trânsito)

PEREGRINA

nem fique sujeito a quaisquer encargos

PEREGRINO

(nenhum foro)

PEREGRINA

e além disso, Gonçalo Eriz, honro-te na tua Quinta, ordenando que todos os monteiros que, no termo dela, matarem veados, te dêem os lombos e a quarta parte, com excepção do rei; e os que matarem corça ou gamo te dêem os lombos, e, se caçarem em terreno cultivado, te dêem metade, e do urso as mãos, e se afastem do Couto os caçadores de coelhos à distância da vista de homem de joelhos, com os olhos nem levantados nem postos no chão; e todos os que aí

fizerem calúnia te paguem pelo foro do Vouga, e aquele que violar as disposições deste Couto te pague seis mil soldos, e mantenha-se o Couto, – e se quiseres utilizar-te do meu Mordomo para receberes aqueles seis mil soldos, dar-lhe-ás a terça parte, mas não por foro, e não entre no teu Couto se não for da tua vontade. E, se alguém da minha descendência, ou eu ou o Rei, quiser anular este meu acto, seja maldito até ao fim dos séculos e aquele que o beneficiar seja bem dito e toda a sua geração; e todos os homens de Vouga que honraram este Couto participem da boa hospitalidade da Albergaria. Confirma o Bispo do Porto. Esta carta foi lavrada nas terras de Santa Maria, a que chamam Feira, no mês de novembro, era de 1117. Eu, Infanta Dona Teresa, Rainha de Portugal, que mandei passar esta Carta a ti, Gonçalo Eriz, como acima se deixa dito, e de minha mão a firmei.

PEREGRINO

Foram presentes: – Mendo, escrivão privativo da Côrte que a fez. – Dom Pedro Gonçalves, confirmo, – Dom Mendo Bofino, confirmo, – Dom Velasco Ramires, confirmo, – Dom Godinho Viegas, confirmo, – Didaco Osório, confirmo, – Dom Gonçalo Truitzendo, confirmo. O Armeiro Nuno Soares, viu. Pelágio Scapulado, confirmo. Artaldo testemunha, Pedro, testemunha. – Pelágio, testemunha, Gonçalves, testemunha, João testemunha, Garcia, testemunha. Sinal público em cruz, com as letras – Rainha Dona Teresa. Rainha.

[Escuro. FIM.]